

**TURISMO NO ESPAÇO RURAL, PRÁTICAS LOCAIS E IMIGRAÇÃO ITALIANA:  
O Caminho Colonial do Vinho, Pelotas/RS.**

**TOURISM IN RURAL SPACE, LOCAL PRACTICES AND ITALIAN IMMIGRATION:  
The Colonial Way of the Wine, Pelotas / RS**

**Tiaraju Salini Duarte<sup>1</sup>  
Giancarla Salamoni<sup>2</sup>  
Adão José Vital Da Costa<sup>3</sup>**

**Resumo:** As novas características e funções do espaço rural despertam interesse em diferentes áreas do conhecimento, a partir da década de 1980, devido às transformações que levaram a agricultura a se adaptar às novas exigências do mercado. A multifuncionalidade da agricultura é um fenômeno atual, presente no espaço rural, ou seja, as atividades agrícolas passam a não serem as únicas fontes geradoras de renda para o agricultor. Partindo dessas concepções, o turismo no espaço rural do município de Pelotas/RS, mais especificamente no Distrito do Rincão da Cruz, representa a possibilidade de valorização das paisagens naturais e da herança cultural da imigração italiana presentes no local. Para a população urbana, o espaço rural é lócus de lazer e, simultaneamente, depositário de um saber-fazer em relação aos produtos locais, como a uva e seu processamento.

**Palavras-chave:** Turismo Rural. Imigração italiana. Vitivinicultura. Pelotas/RS

**Abstract:** New rural features and functions call attention in different areas of knowledge, from the 1980s till now. New market demands in agriculture brought change to it. The multifunctionality of agriculture present in rural areas is a current phenomenon nowadays. Agricultural activities are not the only sources of income for the farmer. Based on these assumptions, the rural tourism in the municipality of Pelotas / RS, specifically in the Distrito do Rincão da Cruz, represents the possibility of recovery of natural landscapes and cultural heritage of Italian immigration. For the urban population,

<sup>1</sup> **Tiaraju Salini Duarte** - Acadêmico do curso de Geografia da UFPEL. tiaraju.salini@yahoo.com.br

<sup>2</sup> **Giancarla Salamoni** - Doutora em Geografia. Professor da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>3</sup> **Adão José Vital Da Costa** – Doutor em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Professor da Universidade Federal de Pelotas.

the rural area is locus of leisure and, simultaneously, a repository of know-how in relation to local products, such as grapes and their processing.

**Keywords:** Rural Tourism. Italian Immigration. Viticulture. Pelotas/RS

## INTRODUÇÃO

O rural vem sofrendo significativas mudanças em sua organização socioespacial, principalmente, a partir da metade do século XX, quando a denominada revolução verde atinge o espaço rural brasileiro transformando a sua estrutura econômico-produtiva e interferindo nas relações sociais de trabalho. Diante disso, algumas correntes nas ciências sociais defendiam como tendência inexorável, o fim das especificidades do rural, frente à expansão da industrialização da agricultura e da urbanização do rural, fruto, principalmente, do aprofundamento do padrão produtivista típico do modo de produção capitalista. Conforme explica Carneiro: “O mito fundador da sociologia rural institui a oposição entre o campo e a cidade como realidades espaciais e sociais descontínuas, mas em relação à subordinação do primeiro pelo segundo”. (CARNEIRO, 2008. p 10)

Dessa maneira, se percebe que as dimensões espaciais de campo e cidade eram explicadas a partir da perspectiva dicotômica, na qual o rural e o urbano apresentavam-se como categorias diferenciadas, porém, com a supremacia da segunda sobre a primeira. Esse ideário do pensamento sociológico mereceu críticas justificadas, mesmo diante das reconhecidas relações de dependência do espaço rural e urbano e vice-versa. Contudo, se deve destacar que o espaço rural vem sendo modificado pelas novas dinâmicas do capitalismo, principalmente a partir dos anos 1980, como atesta Silva (2002, p.39), “surgem novas formas de organização das atividades no meio rural brasileiro, características que

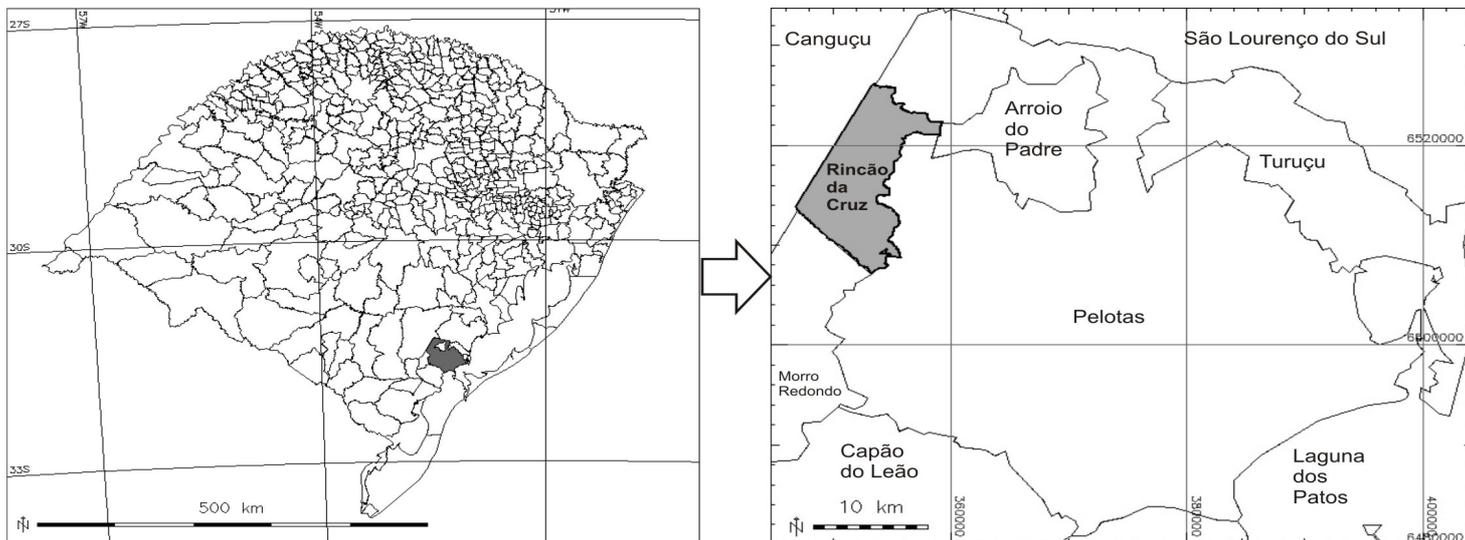
podem ser associadas ao processo de modernização da agricultura”.

Por outro lado, essas *novas* dinâmicas do espaço rural reforçam que este não deve ser encarado somente como sinônimo de produção de alimentos e matérias primas para a indústria, mas, também dotado de singularidades sociais, econômicas, culturais e ecológicas que possibilitam a diversidade de arranjos espaciais, inclusive, permitindo ampliar as alternativas de geração de renda para as famílias rurais. É nesse contexto que surge o conceito de multifuncionalidade da agricultura no qual se insere o turismo no espaço rural, proporcionando a valorização dos modos de vida e da paisagem, ou seja, o reconhecimento de que, para além da agricultura, o rural compreende o patrimônio cultural e o patrimônio natural.

No município de Pelotas/RS, devido a fatores históricos como a presença da imigração italiana, sobressai como um dos grandes atrativos turísticos do espaço rural, a produção de vinho nas propriedades rurais de caráter familiar<sup>4</sup>, a qual valoriza o saber fazer como um atrativo turístico nas localidades estudadas.

---

<sup>4</sup> No presente estudo as propriedades familiares são definidas como aquelas em que terra, trabalho e família constituem uma unidade de produção e consumo. Além disso, apresentam dimensões físicas de até 50 hectares, o que pode, também, ser caracterizado como pequena propriedade.



**Figura 1:** Localização do Município de Pelotas e do 8º Distrito de Rincão da Cruz.

**Fonte:** Desenvolvido por Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais, 2009.

#### METODOLOGIA

Para elaboração do presente trabalho, partiu-se da revisão teórico-bibliográfica acerca da multifuncionalidade da agricultura, ou seja, as múltiplas funções do espaço rural. Além disso, foi feita uma revisão acerca da Imigração italiana e da evolução da vitivinicultura no Brasil e no Rio Grande do Sul. Dentro dessa perspectiva, aprofundou-se o estudo acerca do turismo no espaço rural da Colônia Maciel e São Manoel, localizadas no Distrito de Rincão da Cruz, no município de Pelotas/RS (Fig.1).

Para tanto, realizou-se pesquisa de campo, por meio da técnica da entrevista, baseada em roteiros semiestruturados. Foram realizadas entrevistas em 48 propriedades familiares na Colônia Maciel e em 43 propriedades familiares na Colônia São Manoel, totalizando 91 propriedades investigadas. Posteriormente, foram tabulados os dados primários e georreferenciadas as propriedades, resultando na elaboração do “Caminho colonial do vinho”, que será analisado adiante.

#### RESULTADOS E DISCUSSÕES

**A multifuncionalidade do espaço rural:** O surgimento de um novo conceito muito

explorado na Europa, principalmente na França, começa a ganhar importância no Brasil: a multifuncionalidade da agricultura. No Brasil esse conceito pode ser considerado como uma nova perspectiva de analisar os fenômenos presentes no espaço rural, reconhecendo a existência de outras funções, além da sua principal que é a agricultura.

Esta perspectiva provoca um debate sobre quais seriam realmente as funções e/ou as *novas* funções da agricultura. Na percepção de Carneiro,

A abordagem da multifuncionalidade da agricultura se diferencia por valorizar as peculiaridades do agrícola e do rural e suas outras contribuições que não apenas a de bens privados, além dela repercutir as críticas às formas predominantes assumidas pela produção agrícola por sua insustentabilidade e pela qualidade duvidosa dos produtos que gera. A noção de multifuncionalidade rompe com o enfoque setorial e amplia o campo das funções sociais atribuídas à agricultura que deixa de ser entendida apenas como produtora de bens agrícolas. Ela se torna responsável pela conservação dos recursos naturais (água, solos, biodiversidade e outros), do patrimônio natural (paisagens) e pela

qualidade dos alimentos. (CARNEIRO, 2003. p 19).

Carneiro (2003) analisa as funções da agricultura familiar centradas, principalmente, em quatro dimensões básicas da multifuncionalidade: a reprodução socioeconômica das famílias, onde analisa as fontes geradoras de renda; as condições de permanência no campo e as práticas de sociabilidade; a promoção da segurança alimentar da sociedade e das próprias famílias rurais, abrangendo a produção para o auto-consumo e para a comercialização; a manutenção do tecido sócio cultural, se referindo as condições de vida e da reprodução das culturas locais; preservação dos recursos naturais e da paisagem rural, aqui entendido como referência ao uso de recursos e sua preservação. Em todas as dimensões apresentadas há a valorização das características dos lugares, portanto, da escala do local.

Dentro desta concepção multifuncional da agricultura familiar é que o turismo no espaço rural vem crescendo e se desenvolvendo como uma alternativa de geração de renda para a população que reside no campo ou, mais especificamente, para os agricultores familiares, os quais se encontram, muitas vezes, desamparados pela inexistência de políticas públicas, tanto para a agricultura no seu sentido mais restrito, quanto para o desenvolvimento rural.

**O turismo no espaço rural:** As mudanças tanto no que concerne ao meio urbano como ao rural irão possibilitar o desenvolvimento das atividades relacionadas ao turismo, de modo que é a busca por novas paisagens, principalmente, por parte da população citadina, demonstrando o sentimento de retorno às origens e a visão idealizada dos espaços naturais como refúgio para os problemas inerentes a vida nas cidades, que estimula os agricultores a disponibilizar

serviços, produtos e bens naturais para atender esta demanda.

Por conseguinte, podemos compreender duas características do meio rural, a multifuncionalidade e a pluriatividade<sup>5</sup> como estratégia de desenvolvimento e de reprodução social das famílias no espaço rural, além de geração de renda econômica proporcionam a valorização do seu patrimônio cultural.

Assim, o turismo, muito além de ser uma pratica promotora do espaço rural e geradora de rendimentos para os seus, é uma alternativa para o desenvolvimento local e regional, que leva a revalorização e a ressignificação do espaço rural, não apenas para aqueles que buscam alternativas de lazer, novas paisagens, lugares mais tranquilos. Ou seja, há um movimento de redescoberta da tranquilidade dos territórios rurais. (PANIS, 2007. p 42).

Ainda, cabe ressaltar as diferenças entre o turismo rural e o turismo no espaço rural. O turismo no espaço rural consiste em uma abordagem onde o turista não se direciona para uma propriedade aonde irá se relacionar com as atividades agrícolas. Este tipo de turismo abarca diversas atividades as quais extrapolam os limites das propriedades, dessa maneira, dentro deste conceito têm-se diversas formas de organização do turismo, como o ecoturismo, voltado para atividades intimamente ligadas à natureza (preocupação com a flora e a fauna) e a educação ambiental.

---

<sup>5</sup> A pluriatividade trata-se de um fenômeno no qual os componentes de uma unidade familiar executam diversas atividades com o objetivo de obter remuneração pelas mesmas, que tanto podem desenvolver-se no interior como no exterior da própria exploração, através da venda da força de trabalho familiar, da prestação de serviços a outros agricultores ou de iniciativas centradas na própria exploração (industrialização em nível da propriedade, turismo rural, agroturismo, artesanato e diversificação produtiva) que conjuntamente impliquem no aproveitamento de todas as potencialidades existentes na propriedade e/ou em seu entorno (SACCO DOS ANJOS, 2003. p 91 - 91).

Por outro lado, existem outras modalidades de turismo no espaço rural, como turismo científico, cultural, religioso, entre outros. Com isso, podemos destacar alguns aspectos positivos e outros negativos do turismo no espaço rural:

**Positivos:**

- Constituir a chave na revitalização dos recursos naturais, culturais e históricos de uma área rural.
- Promover e estimular transformações na organização socioespacial das propriedades rurais.
- Estimular a preservação de recursos naturais com valor excepcional.

**Negativos:**

- Diminuir a qualidade de áreas naturais e históricas pelo número excessivo de turistas e de equipamentos específicos.
- Aumentar ruídos e afluentes líquidos e sólidos, desencadeando processos de degradação socioambiental.

Entretanto, nas palavras de Ruschmann:

Iniciar e desenvolver um programa de turismo em uma área rural constitui um desafio, principalmente, porque a comunidade local tem o poder e a habilidade de decidir sobre o seu desenvolvimento futuro, o que nem sempre ocorre (RUSCHMANN, 2000, p 71).

O turismo no espaço rural, quando bem planejado, tende a desenvolver a economia, e amplia a possibilidade de divulgar a cultura e os costumes locais, tornando-se mais uma fonte de renda, acessória à atividade agrícola, demonstrando, assim, que existem possibilidades para os proprietários familiares garantirem sua reprodução social e permanência no campo.

## A IMIGRAÇÃO ITALIANA E A VITICULTURA

A imigração italiana no Brasil tem seu início no segundo quartel do século XIX, a fim de atender as necessidades do mercado de trabalho, ou seja, a substituição da mão de obra escrava pela assalariada nas lavouras cafeeiras do sudeste brasileiro, formando as bases do denominado colonato paulista.

Data oficial da imigração italiana é de 20 de maio de 1875, mas não se sabe ao certo em que data o império tomou a si a empresa de colonizar Conde d' Eu e dona Isabel. Os arquivos são omissos a este respeito. Não há dúvida, porém, quanto à presença de colonos italianos já antes de 1875, disseminados pelas outras colônias da província. [...] Dados do governo provincial revelam que entre 1859 e 1875, teriam entrado no Rio Grande do Sul cerca de 7290 italianos (DE BONI e COSTA, 1984. p 65).

Em outro sentido, a política imigrantista dos governos Imperial e Provincial promoveu a ocupação e colonização no sul do Brasil implantando diversos núcleos formados essencialmente por italianos, denominados como colonos<sup>6</sup>. A organização da propriedade dos imigrantes italianos era baseada na mão de obra familiar, em pequenas dimensões territoriais, voltada para a produção de autoconsumo, com a comercialização do excedente no mercado interno. Dessa maneira, vinculada presença da imigração italiana desenvolve-se a produção vinícola, a qual ganha grande expressão no mercado brasileiro a partir do século XX. Contudo, cabe ressaltar, que não foi com a imigração italiana que se deu a introdução da videira e a produção de vinhos no Brasil. Segundo Falcade:

A videira foi introduzida no Brasil por Martin Afonso de Souza, em 1932, na capitania de

<sup>6</sup>O termo *colono* tem sua origem na administração colonial; segundo Seyferth (1990) eram colonos todos aqueles que recebiam um lote de terras em áreas destinadas à colonização.

São Vicente, atual estado de São Paulo. Em seguida foi cultivada nas capitanias de Pernambuco e da Bahia. No sul, a expansão esteve relacionada a presença espanhola e aos imigrantes italianos, no final do império e início da república. (FALCADE, 2007. p 225).

Todavia, é a partir da imigração italiana que este produto começa a ganhar expressão comercial no território nacional, principalmente, com a fabricação do vinho no Estado do Rio Grande do Sul. O vinho é um produto tradicional da cultura italiana e, inicialmente, esta produção era voltada somente para o autoconsumo, ligada à idéia de manutenção dos traços culturais herdados dos antepassados.

O vinho, ao longo do tempo, adquire um caráter de especialização produtiva no interior das unidades familiares, mas também, estimulada pela elevada valorização comercial deste produto. O fabrico, no início da colonização era feito artesanalmente pelos imigrantes e as cantinas estavam localizadas nos porões das casas. Esta produção começa a ser comercializada por viajantes, como produto artesanal. Destas relações comerciais, surge uma maior procura para este produto e o produtor visando ampliar a renda familiar busca novos canais de comercialização. Os comerciantes consolidam as relações de compra e venda com os produtores rurais.

Com a evolução das relações capitalistas, este produto passa a ser industrializado e adquire importância em escala nacional, e a produção da região da Serra Gaúcha pode ser definida como regional-nacional, isto é, uma indústria regional que atendia as demandas nacionais (FALCADE, 2007). Dessa forma, no Rio Grande do Sul, a imigração italiana, e por consequência a viticultura, são valorizadas pelo turismo no espaço rural, o qual se baseia em um produto local dotado de características específicas (culturais e ambientais), tornando-se atrativo para os turistas de outros locais.

Hoje, no Brasil, se destacam quatro regiões na produção de vinhos finos e espumantes. Segundo Falcade e Tonietto (1999), destas quatro regiões, três localizam-se no Rio Grande do Sul, mais especificamente na Serra Gaúcha, na Campanha e na Serra do Sudeste. A produção tanto de vinhos finos, como de vinhos de mesa, se expande atualmente por grande parte do Brasil, destacando os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina como os principais referenciais de produção.

### **PELOTAS E O CAMINHO COLONIAL DO VINHO**

Quando se trata da presença da imigração italiana no Rio Grande do Sul a região fisiográfica da Encosta Superior do Nordeste é mencionada como a principal área concentradora de imigrantes italianos e de seus descendentes. Contudo, é importante destacar que existem registros de imigrantes italianos em outros municípios, principalmente, na porção sul do Estado.

A imigração Italiana no município de Pelotas tem seu início em 1884, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos que se instalam no espaço rural pelotense, principalmente, na denominada Colônia Maciel<sup>7</sup>.

A Colônia Maciel tem a sua formação por volta de 1883, com a chegada de um antigo proprietário chamado Maciel. Este processo de colonização não foi oficial, de modo que a sua formação foi considerada privada, mesmo com o governo auxiliando os imigrantes recém-chegados. Entre os anos de 1884 a 1886 tem-se a chegada dos primeiros imigrantes vindos da região do Veneto na Itália. Contudo, oficialmente, a Colônia Maciel, segundo Fetter

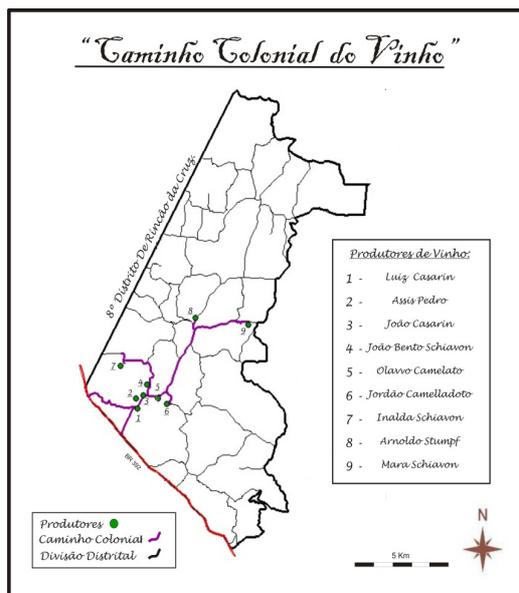
<sup>7</sup> No sul do Brasil, segundo Seyferth (1990, p.25) "o termo colônia designa tanto uma região colonizada ou área colonial demarcada pelo governo em terras devolutas, como também é sinônimo de rural." No caso do recorte empírico desta pesquisa, os termos colônia e colonial se referem, simultaneamente, às áreas de colonização europeia não portuguesa e ao caráter familiar camponês das propriedades rurais.

(2002), foi fundada em 1902 pelo governo estadual, com uma área inicial de 1400 hectares e com uma população de 440 habitantes, (imigrantes italianos e portugueses).

Além disso, outra que ganha importância neste contexto é a Colônia São Manoel, onde também há registros de imigrantes italianos, mas que tem a sua formação inicial marcada pelos imigrantes alemães e a sua fundação, segundo Fetter (2002), ocorreu em 1913, sendo esta uma colônia de caráter particular, com uma área inicial de 400 hectares.

Desta maneira, o recorte territorial analisado na pesquisa, correspondendo a Colônia Maciel e Colônia São Manoel, é um lócus de grande potencial para o desenvolvimento de atividades relacionadas ao turismo no espaço rural. Com isso, no universo de estudo percebe-se uma relativa adesão por parte dos agricultores em complementar a renda agrícola com atividades turísticas geradoras de ingressos monetários, ainda que de forma eventual.

Com a constatação empírica acerca da forte presença da imigração italiana da fabricação do vinho em moldes artesanais foram identificados e georreferenciados os principais produtores de vinho das colônias Maciel e São Manoel, a fim de elaborar o mapa do denominado “Caminho Colonial do Vinho”, conforme figura 2.



**Figura 2:** Caminho Colonial do Vinho.

**Fonte:** Desenvolvido por Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais, 2009

Os produtores incluídos no Caminho deveriam preencher alguns pré-requisitos, tais como: possuir o cultivo de videiras, a produção de vinho e a comercialização deste produto. Com isso, foram entrevistados noventa e um proprietários, dos quais apenas nove deles possuíam as três características citadas (Fig. 3).



**Figura 3:** Produtores que possuem características para participação no “Caminho Colonial do Vinho” nas colônias Maciel e São Manoel.

**Fonte:** Pesquisa de Campo, 2009.

Na elaboração do “Caminho Colonial do Vinho”, as propriedades rurais foram

mapeadas a fim de localizar espacialmente estes produtores de vinho, auxiliando na consolidação das atividades turísticas nas referidas localidades. Ao promover a manutenção das práticas e costumes locais, o turismo rural pode se tornar mais uma fonte de renda, acessória à atividade agrícola, demonstrando, assim, que existem possibilidades para os proprietários familiares garantirem sua reprodução social e permanência no campo. Desse modo, o vinho colonial, pelo valor simbólico do produto, pela sua qualidade, resultado da prática do saber-fazer herdada dos antepassados, se constitui em elemento importante no desenvolvimento local.

Destaca-se ainda que a produção vinícola nestas localidades é realizada de modo artesanal, o que valoriza o produto por ser utilizado métodos de fabricação considerados *naturais* e possuidores de uma identidade própria da ruralidade. É o que Menasche (2009 p.7) define como: “a ruralidade, mais que qualquer outro atributo, parece condensar todas as vantagens que distinguem o alimento desejável do alimento industrializado”. Dessa forma, percebe-se uma identificação dos turistas com os produtos artesanais o que denota uma contraposição com os vinhos industrializados.

Além disso, nestas localidades identificam-se outras potencialidades turísticas, devido ao patrimônio material ali presente, como as primeiras casas de pedra, construídas para abrigar às famílias, os moinhos coloniais, pontes antigas, instrumentos de trabalho e de lazer e de outro lado, como parte do patrimônio imaterial, tem-se a preservação de técnicas agrícolas, da herança culinária, das práticas religiosas, enfim, traços marcantes de saberes e sabores que permanecem como elementos da identidade local.

## CONCLUSÃO

O turismo no espaço rural vem crescendo exponencialmente no Brasil, principalmente, devido à fuga da cidade para o campo, onde este último é visto como um lugar de características autênticas, como sinônimo de natural. Em contraposição, as cidades são vistas, muitas vezes, pela população urbana como espaços artificiais. Com isso temos uma revalorização do espaço rural e um redescobrimto do rural dotado de história, costumes e identidades próprias.

Além disso, como atividade econômica, o Turismo parece ser uma via natural para o desenvolvimento local dos espaços rurais, permitindo aos agricultores combinar a diversificação das suas atividades com uma melhor valorização das suas produções e de seu patrimônio cultural. Além de rendimentos complementares, traduzidos no desenvolvimento do comércio e da agroindústria familiar, o Turismo produz melhorias na infraestrutura e nos serviços de apoio, beneficiando, em primeiro plano, a população local.

Nas colônias estudadas, a forte presença da imigração italiana e a prática da fabricação artesanal do vinho, bem como o modo de vida dos agricultores camponeses e a sua cultura podem ser expressos na constituição de um roteiro turístico como o “Caminho colonial do vinho”.

Desse modo, o vinho colonial, pelo valor simbólico do produto, pela sua qualidade, resultado da prática do saber-fazer herdada dos antepassados, constitui-se elemento importante na promoção do turismo no espaço rural. Contudo, cabe reforçar que as atividades turísticas não substituem a produção agrícola das famílias, mas sim, representam estratégias de geração de renda complementar.

## REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, M.J. "Rural" como categoria do pensamento. **Ruris**, Campinas, v. 2, n. 1, pp. 9-38, mar. 2008.
- CARNEIRO, M.J.; MALUF, R.S. (orgs.) **Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- DE BONI, L. A; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EST – Correios Riograndense – EDUCS, 1984.
- FALCADE, I. As indicações geográficas e a reorganização do espaço rural brasileiro. In: MARAFON, G.; RIBEIRO, M. A. e RUA, J. (Org.). **Abordagens Teórico-metodológicas da Geografia Agrária**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p.225-253.
- FALCADE, I. e TONIETTO, J. Caracterização geográfica das regiões de viticultura no Brasil. **Anais do VII congresso brasileiro de viticultura e enologia**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 1999, p.45-55.
- FETTER, L.M.W. **A Colonização Ocorrida na Área Rural de Pelotas na Segunda Metade do Século XIX**. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2002. p.191 (Dissertação de Mestrado).
- MENASCHE, R. Percepções do rural à mesa: campo e cidade, comida e imaginário. **Anais do 53º congresso internacional de americanistas**, México, 2009.
- PANIS, Marcelo. **O turismo na perspectiva da multifuncionalidade do espaço rural: O Caso do Distrito de Rincão da Cruz – Pelotas/RS**. 2007, 119 p. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Licenciatura em Geografia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- RUSCHMANN, D.M. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, J. A. FROEHLICH, J. M. RIEL, M. (orgs.) **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: Papirus, 2000. p 237.
- SILVA, J.G. GROSSI, M.D. CAMPANHOLA, C. O que há de realmente novo no rural Brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.19, n.1, p.37-61, Jan./Abr. 2002.